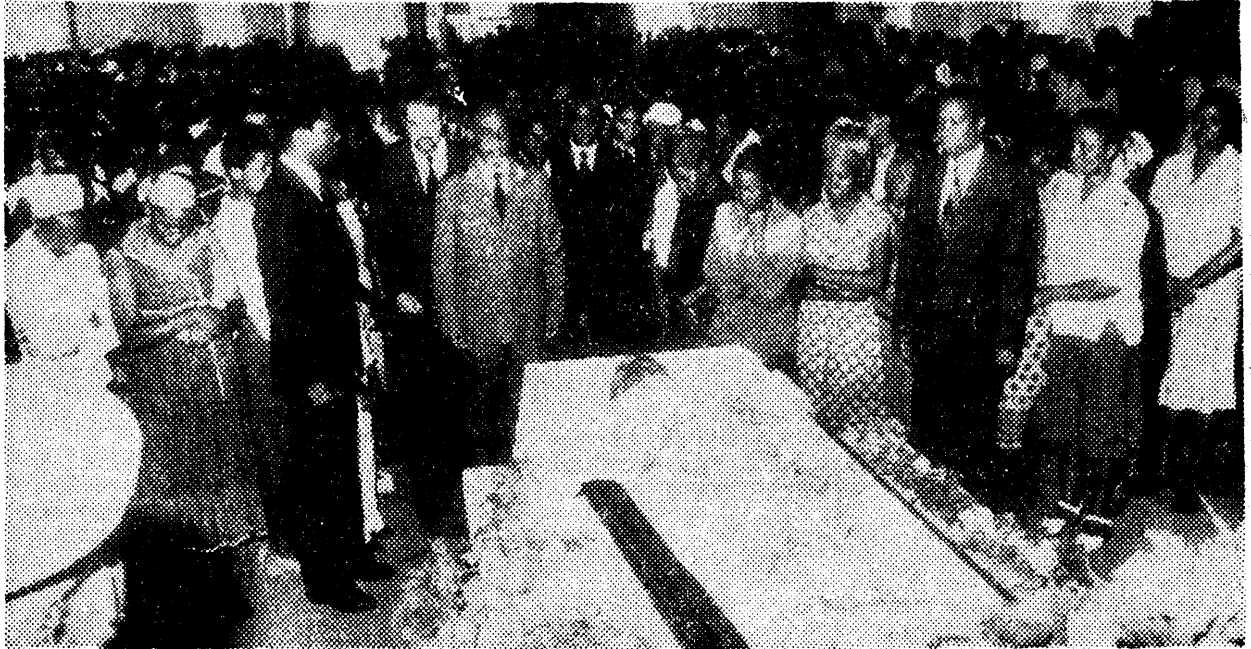


16/10/82

Centenas de pessoas prestam última homenagem a Makavi

◆ Chefe do Estado representado por Marcelino dos Santos



Marcelino dos Santos, em representação do Presidente Samora Machel, e outros membros do Partido e Governo prestam a última homenagem ao poeta e escritor moçambicano Gabriel Makavi

Em ambiente carregado de pesar e consternação, centenas de pessoas prestaram ontem a última homenagem ao falecido poeta e escritor moçambicano Gabriel Makavi, que vai hoje a enterrar em Chicumbane, região onde cresceu. Nas cerimónias fúnebres, realizadas na capital, esteve presente, em representação pessoal do Presidente do Partido Frelimo e Chefe do Estado moçambicano, Samora Moisés Machel, o Secretário do Comité Central para a Política Económica do Partido e Secretário da Comissão Permanente da Assembleia Popular, Major-General Marcelino dos Santos.

Centenas de pessoas, entre familiares, amigos e crentes da Igreja de que Gabriel Makavi era pastor, acorreram ao Khovo, a fim de prestar a derradeira homenagem ao insigne poeta de língua Tsonga, combatente pela dignidade, que também soube ser ao mesmo tempo religioso e amar profundamente a sua Pátria.

O Major-General Marcelino dos Santos trajava o seu uniforme militar de gala e estava acompanhado por José Luís Cabaço, membro do Comité Central do Partido Frelimo e Ministro da Informação; Salomão Munguambe, Ministro do Comércio Externo; José Moiane, membro do Comité Central e Governador da Província do Maputo e outros responsáveis do Partido e do Estado.

Após de pôr uma coroa de flores e observar um minuto de silêncio diante do féretro aberto do defunto, Marcelino dos Santos, secundado pelos restantes dirigentes que o acompanhavam, deu um beijo de conforto e dirigiu palavras de consolação a cada um dos membros da família Makavi.

DOR E CONSTERNAÇÃO

A Igreja do Khovo, onde decorreram as cerimónias, apresentava-se superlotada, com as pessoas aglomeradas nos portões, janelas e corredores exteriores. O ambiente era de profunda dor e consternação.

As cerimónias, dirigidas pelo pastor Mucache, chefe da Paróquia do Khovo, prolongaram-se por toda a tarde. De tempos a tempos, amigos coiegas e discípulos do falecido faziam elogios fúnebres em língua Tsonga, realçando as virtudes humanistas, a figura de patriota e a dimensão intelectual daquele que soube dar um grande contributo na luta mais global pela valorização das línguas nacionais.

No decurso deste acto solene, a grande maioria dos presentes desfilou diante da urna do malogrado Gabriel Makavi, numa derradeira homenagem a um compatriota e amigo que no seio da Igreja Presbiteriana de Moçambique soube manter viva a chama patriótica.

EXEMPLO QUE FRUTIFICARÁ

A Associação dos Escritores Moçambicanos, da qual Gabriel Makavi era membro do respectivo Presidium, fez-se representar pelos seus Secretário-Geral e Secretário-Geral Adjunto, respectivamente Rui Nogar e Albino Magaia. A este último coube a incumbência de fazer o elogio fúnebre.

Profundamente comovido, Albino Magaia começou por dizer que falar do Reverendo Gabriel Makavi é falar de um homem cuja memória ficará gravada em letras de ouro do nosso País.

«Num mundo em que a língua portuguesa era um dos instrumentos de opressão de todos nós e também um trampolim para escaladas sociais muitas vezes duvidosas, ele escolheu a sua língua materna para, através dela, batalhar pela dignidade, pela África, pela sua Pátria. Gabriel Makavi foi um estudioso de problemas sociais e políticos, um patriota de verticalidade que apenas o seu grande amor pelos homens pode justificar e fazer compreender».